

V DOMINGO DA PÁSCOA – Ano B

PROPOSTA DE MEDITAÇÃO

A COMUNHÃO COM JESUS GERA BONS FRUTOS

Hoje somos convidados a refletir sobre a nossa comunhão com Jesus: somos ramos e Ele é o tronco (Evangelho). Ele é a videira e somos seus ramos que devem produzir bons frutos. Sem essa direta relação com Ele, esqueceremos suas palavras, sua sensibilidade, sua bondade, sua indignação diante dos males... Dessa íntima relação de comunhão com o Senhor nasce a Igreja e se torna com Ele: humana, sensível, acolhedora, renovada, produtora de bons frutos (I leitura). É assim que se concretiza realmente o mandamento do Amor. Se não for com atitudes concretas tudo não passa de “palavras que o vento leva” e nada transforma (II Leitura).

1ª. LEITURA: ATOS 9,26-31 – A SUPERAÇÃO DOS DESAFIOS À COMUNHÃO

O texto descreve o grande desafio que Paulo enfrentou para poder se entrosar na comunidade cristã de Jerusalém após a sua conversão. Alguns problemas impediam a sua inserção na comunidade: os *discípulos tinham medo dele (era violento)*, *eram descrentes quanto à sua conversão*; o passado de Paulo ainda era muito presente na mente dessa comunidade; o preconceito naturalmente gerava uma forte desconfiança quanto à sua aproximação (cf. At 9,26). A passagem de perseguidor e assassino a discípulo do mestre e irmão fraterno dos demais, passou por uma provação. Mas Paulo é ajudado por Barnabé que, percebendo seu interesse de inserir-se na comunidade, vai ao seu encontro, o acolhe com liberdade, o apresenta aos discípulos e lhes narra a sua história (cf. At 9,27). Barnabé, que futuramente será grande apóstolo companheiro de Paulo na evangelização de muitas comunidades, com seu espírito de iniciativa e sensibilidade rompe com o fechamento da comunidade. Uma vez acolhido e inserido na comunidade, Paulo começa a dar a sua importante e decisiva contribuição para um novo impulso na vida da Igreja. Ele pregava corajosamente em nome do Senhor, falava e discutia com os judeus (cf. At 9, 29-30). Essa comunidade que dificultou a entrada de Paulo, superado o problema da indiferença e da desconfiança, é também capaz de defender Paulo contra as ameaças dos judeus mandando-o para Tarso (cf. At 9,30). A mensagem é clara: a Igreja é uma comunidade em contínua conversão. O versículo 31 nos apresenta um novo retrato da Igreja: *apesar das tensões internas, “a Igreja vivia em paz em toda a Judéia, Galiléia e Samaria. Ela se edificava e progredia no temor do Senhor, e crescia em número com a ajuda do Espírito Santo”*.

Nossa Vida:

O livro Atos dos Apóstolos não só nos mostra as riquezas da comunidade primitiva, mas também suas fragilidades, seus problemas, suas tensões, suas crises. A Igreja é uma comunidade de pessoas “santas e pecadoras”, por isso é marcada pela fragilidade que se manifesta de tantos modos. Se ela não fosse

humana, seria angélica, feita de anjos, mas Jesus não se ocupou dos anjos (cf. Hb 2,16) mas dos pecadores e os desafiou a percorrerem um incessante caminho de conversão (cf. Lc 5,32). No texto que nos é apresentado hoje encontramos alguns males que ainda hoje corroem e enfraquecem a vida de muitas comunidades cristãs: o *preconceito que gera o medo do outro, a rotulação das pessoas, a atitude defensiva diante dos desafios, a falta de acolhida às pessoas que chegam, o puritanismo, a falta de sensibilidade (de paixão pela Salvação de todos), a falta de ousadia... tudo isso gera, conseqüentemente, a exclusão de muitos que poderiam enriquecê-la*. Uma Igreja fechada contraria o dinamismo da Ressurreição. A Igreja, comunidade dos crentes em Jesus Cristo, não é um bloco monolítico, uniforme, homogêneo... por ter uma dimensão humana, nela também há ambigüidades, o bem e o mal se fazem presentes em cada um dos seus membros. É o mistério do “joio e do trigo” que caminham juntos! A igreja é uma realidade dinâmica, viva, peregrina; é uma comunidade de pessoas e por isso a diversidade e a divergência também dela fazem parte. Barnabé, também membro dessa mesma Igreja, é diferente. Barnabé representa a Igreja na sua dimensão pisco-afetiva impulsionada pelo Espírito, apaixonada, aberta, acolhedora por ser neste mundo instrumento do Reino de Deus e, por isso, com seu gesto de acolhida, sensibilidade, espírito de iniciativa, de ruptura com os preconceitos que geram exclusão, chama a comunidade à conversão, a uma mais intensa e criativa fidelidade ao Mestre. Uma igreja fechada e de pura fachada institucional (qualquer pessoa ou comunidade, grupo, associação, empresa), não tem vida e desfigura a sua função de ser “sal da terra e luz do mundo”. Barnabé representa um contínuo convite endereçado a toda comunidade a ser sempre uma casa de portas abertas que acolhe com alegria, que tem um coração sensível, que é rica de iniciativas, que está atenta às oportunidades que aparecem e às necessidade que emergem como Maria nas bodas de Caná. É dessa forma que toda comunidade cristã e ou comunidade e instituição se enriquece, se dinamiza, ganha novo vigor e cresce. Ao contrário, aquilo que se torna antigo e envelhece, perdendo a sua significatividade e consistência, morre e desaparece (cf. Hb 8, 13). Somos continuamente chamados a sermos promotores de uma Igreja mais humana e sensível, aberta e acolhedora.

SALMO 22 (21): este salmo é um clamor de um pobre **sentindo-se** perseguido, em profundo sofrimento e abandonado por Deus (cf. Sl 22,2-3). Em sua forte angústia suplica: “Não fiques longe de mim, que a angústia está perto, e não há ninguém para me socorrer” (Sl 22,12). A dura realidade de humilhação atinge por inteiro a sua auto-estima a ponto de se ver como um verme, solitário e objeto de desprezo dos outros (cf. Sl 22,7-8.18-19) vendo suas forças se esvaziando (cf. Sl 22,15-16). Seus inimigos, pela sua crueldade, são vistos como animais selvagens (cf. Sl 22,13-17.21-22). Mas apesar de tudo o salmista deposita sua confiança e esperança em Deus (cf. Sl 22, 4-6.9-11.23-32).

2ª. LEITURA: 1JOÃO 3,18-24

A COMUNHÃO COM JESUS SE EVIDENCIA NAS OBRAS

Em suas cartas João nos propõe o desafio da prática do amor a Deus e ao próximo. Chega a afirmar que quem diz que “*ama a Deus, mas não ama seu próximo é um mentiroso*” (1Jo 4,20). O mesmo apóstolo também se pergunta como pode alguém dizer que ama a Deus se, sendo possuidor de bens em

abundância, se fecha aos necessitados, não sendo capaz de ser solidário e de partilhar? (cf. 1Jo 3,17). O trecho dessa leitura de hoje é provocante e bem existencial: nos convida à concretude do amor, a sair de palavras, a deixar promessas, a sair da teoria, da vontade vazia, do sentimentalismo (cf. 1Jo 2,18), é necessária a ação! Contudo, João considerando a fragilidade humana, manifesta a sua consciência de que muitas vezes, apesar da nossa boa vontade, não conseguimos colocar em prática aquilo que sabemos que é justo e correto...; visto que a consciência de quem tem fé é sensível, logo acusa e, às vezes, condena e reprovamos... etc. Diante desse fenômeno profundamente saudável e inquietante, João diz: “Deus é maior do que a nossa consciência, e ele conhece todas as coisas” (1Jo 3,20). Ou seja, Deus leva em consideração, não simplesmente um ato negativo isolado, mas a totalidade da nossa vida. Contudo, o balancete final deve ter saldo positivo.

Nossa Vida:

As palavras fazem barulho, mas o que de fato, muda a realidade são as ações. Esse bonito trecho dessa carta de João nos convida à ação. A cultura pós-moderna, essa na qual estamos inseridos, tem uma grande sensibilidade religiosa, mas é carregada de intimismo; o sensacionalismo religioso é forte em nossos dias ancorando a fé nas emoções e deixando a pessoa, muitas vezes, neutralizada, alienada, eticamente sem iniciativa, com pouco compromisso ético, sem muita paixão pela transformação social. Quando a Fé se desconecta da Esperança do Reino de Deus (o sonho divino), a pessoa se atola no presentismo mundano deixando de lado sua dimensão profética. Uma fé que tudo combina e forja uma pseudo-harmonia entre o bem e o mal, certamente não encontra respaldo em Jesus Cristo que lutou pela promoção da dignidade humana, propôs mudança de mentalidade, inquietou os poderosos. Foi por isso que acabou sendo crucificado. O martírio continua sendo a mais autêntica forma de comprovação do amor.

3ª EVANGELHO: João 15,1-8

QUEM ESTÁ EM COMUNHÃO COM JESUS PRODUZ BONS FRUTOS

No capítulo precedente (14) encontramos a descrição do contexto no qual está inserido esse discurso de Jesus aos seus discípulos: é o processo de despedida de Jesus, há um clima de insegurança e tensão entre os discípulos. O mestre revela a seus sequazes uma paterna preocupação dizendo-lhes: «Não fique perturbado o coração de vocês. Acreditem em Deus e acreditem também em mim» (Jo 14,1). Jesus percebe que sua ausência física lhes causará um grande impacto. Tomé amedrontado lhe pergunta: «Senhor, nós não sabemos para onde vais; como podemos conhecer o caminho?» (Jo 14,5). Felipe lhe pede um consolo: «Senhor, mostra-nos o Pai e isso basta para nós.» (Jo 14,8). Esse pedido deixou Jesus decepcionado por revelar ignorância sobre a sua identidade. Então Jesus lhe responde lamentando: «Faz tanto tempo que estou no meio de vocês, e você ainda não me conhece, Filipe? Quem me viu, viu o Pai. Como é que você diz: ‘mostra-nos o Pai’? Você não acredita que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim?» (Jo 14,9-10). Jesus pede-lhes que estejam unidos, que se amem, que sejam obedientes ao mandamento do amor, que estejam em comunhão com tudo aquilo que ouvirem dele. Para ser mais incisivo em sua

pregação, Jesus usa a metáfora da videira e seus ramos. Os discípulos irão fracassar se não permanecerem unidos a Jesus pela Fé. A videira era uma planta muito comum no tempo de Jesus na Palestina. O vinho que chegava às mesas percorria um longo caminho, mas tudo dependia de uma fonte: o tronco da videira. Para que a videira pudesse produzir bons frutos era necessário muito cuidado: trabalho delicado e cuidadoso no tempo certo, podadura de “ramos ladrões”, limpeza dos troncos, adubação, cerca de proteção, estrutura de suporte para os ramos etc. Jesus, em síntese, pede a seus discípulos que se cuidem! Esse cuidado é basicamente estar em comunhão com Ele. Os discípulos receberam uma séria responsabilidade: deverão continuar a missão de Jesus, deverão produzir bons frutos, traduzir em ações concretas a fé e o amor para manifestarem ao mundo o brilho do Reino de Deus. Para continuarem o agir de Jesus deverão estar em comunhão com Ele. Jesus faz o papel da videira e os discípulos o dos ramos “*Quem fica unido a mim, e eu a ele, dará muito fruto, porque sem mim vocês não podem fazer nada*”. (Jo 15,5).

Nossa Vida...

O verbo “permanecer” aparece oito vezes ao longo desse trecho. “Permanecer”, mais que “continuar a ser ou estar”, quer dizer no contexto do evangelho de João “estar em comunhão”, assumir os mesmos sentimentos e mentalidade de Jesus. Permanecer, diremos hoje, é sinergia. O discípulo para seguir o mestre deve estar em sinergia com Ele. Mas essa “permanência”, esse estar em comunhão, ou viver em sinergia com Jesus, pressupõe a conjugação de uma série de verbos tais como: “recordar” suas palavras e gestos, assimilar seu conteúdo, assumir sua mensagem, traduzi-la em ações concretas (frutos). O texto da relação entre a videira e os ramos nos chama atenção para algumas questões muito importantes em nossos dias: **a) A tentação da autossuficiência.** Jesus é claro ao falar da necessidade da nossa dependência espiritual e moral por parte dos discípulos. Jesus é a fonte, o modelo a ser seguido, o espelho a ser mirado, o princípio a ser obedecido, a meta a ser buscada. A sensibilidade sócio-cultural de nossos dias porque é profundamente subjetivista (tudo centrado na pessoa, no sujeito) e relativista (tudo depende das escolhas de cada um) em muito se distancia desse ideal proposto por Jesus. Nunca haverá paz e harmonia numa sociedade onde cada um só segue as próprias idéias; nela haverá inevitavelmente o império do egoísmo. **b) O reconhecimento da honesta dependência.** A metáfora da videira, com seus ramos e frutos nos fala da importância da dependência do nosso agir em relação a uma segura fonte ética. O subjetivismo, gera o relativismo moral e, ambos proclamam a autossuficiência do indivíduo e, assim, a independência ética gera o fracasso do discípulo, uma vez que o verdadeiro discípulo de Jesus não é moralmente autônomo, ou seja, não é ele quem decide o que é bom e o que é ruim. O ser humano quando age sem referências e não aceita nenhuma instância de confronto acaba se esvaziando e morrendo fechado em sua pobreza. A verdade liberta (cf. Jo 8, 31). Reconhecer a própria insuficiência é um ato de honestidade para com a própria natureza frágil, enganosa, passageira. **c) A necessidade de produção de bons frutos.** Os discípulos devem ser o “sal da terra” e a “luz do mundo” (cf. Mt 5,13) isso significa que devem ter um comportamento positivamente diferenciado e é através do mandamento do Amor que deverão fazer a diferença. O amor e a fé sem obras, ou seja, sem

conseqüências, são mortos. Se Jesus andou por toda parte fazendo o bem (cf. At 2,38), dando bons frutos, o seu fiel discípulo deve se esforçar para fazer o mesmo.

MENSAGENS E COMPROMISSO:

1. Exercitar-se na abertura aos outros que se traduz na acolhida, no combate ao preconceito, à rotulação, no espírito de iniciativa.
2. As palavras (promessas) o vento leva... quem tem fé, de fato, deve ter ação, deve sair das palavras.
3. O ramo sem estar unido ao tronco, seca e não produz frutos. Assim somos nós em relação a Deus.

Antônio de Assis Ribeiro
(Pe. Bira / BMA)